

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Colôro

Class.: Índios / Soldado

Data: 5 de julho de 1987

Pg.: 11SR 0017

Sertanistas tentarão contato com últimos grupos indígenas arredios

BRASÍLIA — Apesar dos 487 anos de colonização existem ainda no Brasil cerca de 50 grupos indígenas que vivem nas florestas do Norte do país sem qualquer contato com a civilização e conservando os padrões culturais de seus antepassados. São conhecidos como índios arredios e para que sejam feitos os primeiros contatos amistosos estão sendo formadas expedições, que partem para a selva levando presentes da mesma forma como agiram os primeiros portugueses que chegaram ao Brasil.

Na semana passada estiveram reunidos em Brasília 14 sertanistas que elaboraram propostas para a definição de uma política da Funai para as frentes de atração. Eles querem que o seu trabalho deixe de ser usado a favor dos interesses nacionais e seja direcionado para os interesses dos índios. O trabalho de contato com os grupos arredios tem sido utilizado com o intuito de pacificação mas, segundo os sertanistas, é rápido demais para que sejam respeitadas as diferenças estruturais entre a comunidade branca e os indígenas. Assim,

afirmam, não há adaptação por parte deles e sim a destruição de sua estrutura linguística e do universo místico.

O Sertanista Possuelo, que coordenou o I Encontro de Sertanistas da Funai, afirma que o ideal para o índio seria que a comunidade branca não existisse, mas como sabe que esse contato é inevitável procura pelo menos evitar maiores traumas.

— E necessário que eles tenham mais tempo para assimilar o convívio com outras culturas, porque viveram muito tempo com os mesmos padrões culturais. Temos que fazer esse contato no interesse do índio e nós anteciparmos aos trabalhos dos grandes projetos, como a Transamazônica, Tucuruí e Calha Norte, para que nossa política possa reger o comportamento nas áreas indígenas. Os grandes projetos devem se inserir dentro da filosofia da Funai — disse Possuelo.

Outro sertanista, Cícero Cavalcante, que em 1943 foi indicado pelo Marechal Rondon para trabalhar no antigo Serviço de Proteção ao Índio, passou 14 anos vivendo em uma aldeia Gorotire, do grupo Kaiapó e

conta que quando conheceu esse grupo, então vivendo no Xingu, eram mais de 1 mil índios, mas em poucos anos já não passavam de 150 pessoas, por causa de doenças como a gripe e o sarampo.

— Os urubus estavam comendo índios que morriam nas praias dos rios, principalmente porque eles eram originários do Cerrado e não conseguiram se adaptar a vida na selva. Quando eu vi aquilo fiquei revoltado e organizei uma fuga que durou oito dias pelo rio Fresco, que é afluente do Araguaia — disse Cícero Cavalcante.

Ele lembra do primeiro contato que teve com os índios em 1940 e, triste, afirma que nenhuma das três aldeias que visitou existe hoje.

— Nós precisamos salvar os índios, porque não adianta tirá-los de dentro da mata e colocar na beira do abismo. Eles tem sua organização político-social, mas a gente não reconhece esse valor. Existem quatro principais grupos linguísticos (Aruaque, Caraba, Tupi-Guarani e Gê) e cada um deles possui seu universo místico próprio.

